

EDITORIAL

Gilberto Marques

REPRIMARIZAÇÃO, FINANCEIRIZAÇÃO E CRISE: TEMAS DA ATUALIDADE

REPRIMARIZATION, FINANCIALIZATION AND CRISIS: CURRENT ISSUES

Acredita-se que no início dos anos 1980, mesmo que o país já estivesse em crise, o Brasil dispunha de um dos maiores parques industriais do mundo. Era maior que os parques da China, Índia e Coréia do Sul juntos.

Analisando a produção manufatureira global, a Unido (Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial) constata queda vertiginosa do Brasil na produção industrial mundial.

A participação brasileira no Valor de Transformação Industrial (VTI) global em 2018 foi de em torno de 1,8%, enquanto a Coréia do Sul somou 2,9%, a Índia 3,5% e a China 24,9%.

Entre os setores industriais brasileiros, a indústria automobilista, até pelo que representou na industrialização nacional, é a que chama mais atenção na perda de participação. Em 2010, o setor de veículos automotores e carrocerias representava 4,9% dessa produção do mundo. Em 2017 já tinha caído para 2,2%, queda de 55%.

A indústria brasileira e o emprego fabril vêm perdendo espaço na economia nacional e mundial. Os ramos que exigem mais intensidade tecnológica são os que mais sofrem. Os investimentos em setores e sistemas de inovação não têm sido suficientes para reverter esse quadro. Apesar das contribuições das universidades públicas e outras instituições, os desafios se apresentam cada vez maiores.

A balança comercial brasileira expressa esse fenômeno. Em 2022, entre os dez produtos mais exportados pelo Brasil, os produtos da indústria de transformação ficaram na décima colocação com 2,7% das exportações nacionais. À frente ficaram soja (16%), petróleo bruto (12%), minério de ferro (8,9%), óleos combustíveis de petróleo, carne bovina, farelo de soja (3,4%), açúcares, milho não moído e carnes de aves e miudezas.

Apesar disso, têm crescido os serviços e setores ligados à financeirização da economia brasileira. Acontece que isso têm estimulado ganhos de mercados especulativos, com pouca alimentação e relação com a produção manufatureira e de serviços produtivos.

A crise dos mercados financeiros estourada em 2008 levou a Sadia a uma perda de R\$ 2,484 bilhões nesse ano. Ela havia feito aplicações bilionárias em derivativos cambiais (que foram rotulados com derivativos tóxicos). Com a crise esses papéis perderam valor e o prejuízo tomou conta da empresa, que registrou seu primeiro prejuízo anual em 64 anos. Tal qual a Sadia, a Aracruz perdeu R\$ 4 bilhões. Essas empresas tentam remunerar parte de seus capitais sem passar pela esfera da produção. Nesses termos transformam parte de seu capital, até então produtivo, naquilo que Carcanholo e Nakatani (2015) definiram como capital especulativo parasitário. Empresas mineradoras como a Vale e a Hydro e empresas de outros setores também se aventuram nesse caminho.

Mesmo as perdas ocorridas com a crise de 2008 não evitaram que a dinâmica especulativa voltasse a ganhar volume. Isso torna a economia mais vulnerável e a sociedade mais desigual e contraditória, particularmente em nações periféricas. Os indicadores de desenvolvimento humano não evoluem na velocidade necessária no Brasil.

Entre as contradições, a financeirização avança e transforma em alvo diversos setores. As florestas nacionais não apenas passam a ser mais exploradas (por meios “legais” ou não) como também são “financeirizadas” a partir das comercializações de títulos do mercado de carbono. E isso vem acompanhado de uma maior “preocupação ambiental” e busca de métodos “sustentáveis” de produção.

Assim, para além do fetichismo da mercadoria, há uma fetichização do discurso em torno da economia e da financeirização. O capitalismo consegue se tornar atraente (como capitalista artista), mesmo à margem da crise e do caos.

O que fazer, então? Muito além de simples medidas de política econômica, o desafio colocado é construirmos projetos para transformação social-política-econômica da sociedade brasileira, e numa relação não conflituosa com a natureza. Isso requer enfrentar interesses que atuam em sentido contrário.

No caso específico do Brasil, conseguiremos algum protagonismo efetivo a partir da realização da COP 30 em Belém do Pará em 2025? Conseguiremos transformar discursos vazios, descolados das verdadeiras intenções, em ações verdadeiramente necessárias?

Estes temas até aqui abordados são tratados nos artigos presentes neste número da revista Conexões: reprimarização da economia no Cone Sul, mineradora Hydro e financeirização, contradições em torno da experiência da Reserva Extrativista Chico Mendes, contribuição da UFPA ao sistema paraense de inovação, e a formação do capitalismo artista são objeto de reflexões e problematizações. Boa leitura.

REFERÊNCIAS

CARCANHOLO, Reinaldo; NAKATANI, Paulo. **O capital especulativo parasitário: uma precisão teórica sobre o capital financeiro, característico da globalização.** In: GOMES, Helder (org.). Especulações e lucros fictícios. São Paulo: Outras Expressões, 2015.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL – IEDI. **A regressão industrial a curto e longo prazo.** Carta IEDI. Edição 1085. Publicado em 08/06/2021. In: https://iedi.org.br/artigos/destaque/2017/destaque_iedi_20210621.html. Acessado em 15/12/2023.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS – MDIC. **Balança Comercial Brasileira 2023.** In: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acessado em 15/12/2023.